

## OS MOVIMENTOS SOCIAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA: AUTONOMIA E CONSCIENTIZAÇÃO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DO PIBID

Riquelme Santos Fernandes<sup>1</sup>  
Jacyra Antunes Parreira<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo expor as práticas educativas em desenvolvimento no período noturno de uma Escola Estadual localizada no bairro Padre Eustáquio em Belo Horizonte - Minas Gerais. Ao mesmo tempo, busca discutir as implicações que levaram às escolhas de tais abordagens. Práticas estas que estão em uma proposta dentro da disciplina “Projeto de Vida”, atualmente aplicada por alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História da PUC Minas, no segundo semestre de 2023. Trabalhando a temática dos movimentos sociais, com o intuito de levar os alunos a conhecerem as lutas que garantiram direitos para as minorias das quais eles fazem parte, a fim de trazer uma identificação de luta. Objetiva-se também, desenvolver um senso crítico nos alunos que são em sua maioria residentes em periferias, assim fazendo com que se reconheçam como sujeitos políticos que podem e devem se engajar nessas lutas. Ainda dentro dos temas, que perpassam pelos movimentos LGBTQIA+, Negro, Feminista, Indígena etc. busca-se trabalhar a ideia de cidadania, que muitas vezes é afetada pelas defasagens e evasões dentro das escolas públicas, principalmente, no período noturno.

**Palavras-chave:** Educação, Movimentos Sociais, Cidadania, Evasão escolar.

### 1 INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) teve início no ano de 2007 para alunos de licenciatura. Num primeiro momento era direcionado apenas a universidades públicas, posteriormente, em 2010 abrangeu também as universidades comunitárias e particulares, entre elas a PUC Minas, à qual fazemos parte, podendo possuir uma bolsa ou ser um voluntário caso queira e se encaixe nos requisitos. O PIBID proporciona uma experiência dentro do ambiente escolar, possibilitando aos licenciandos a escolha de seguir ou não o magistério, pois leva o graduando a ter contato com realidades diversas dentro do ensino público. Para os alunos de graduação em licenciatura, tem-se muitos motivos para aderir ao programa, até mesmo em pouco tempo de graduação, como no primeiro período, pois proporciona a consequente construção de uma identidade docente, gerando, assim, em muitos alunos, sentimentos como resiliência e empatia (BARROS, 2019). Determinados fatores,

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação no 6º período em história da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, atualmente é voluntário no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), [riquedemaria@gmail.com](mailto:riquedemaria@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, atualmente, também é coordenadora da área de História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), [jacyraantunes@hotmail.com](mailto:jacyraantunes@hotmail.com)

exprimem o caráter formativo e produtivo do programa, que busca levar uma experiência positiva tanto para os alunos da educação básica quanto para os alunos de graduação.

Aqui, buscamos expor as questões que levaram a nós e a outros alunos de graduação do curso de História, participantes do Pibid, a trabalhar a temática dos movimentos sociais no segundo semestre de 2023. Primeiramente, vale ressaltar, que as aulas ministradas (duas vezes na semana), atende alunos do primeiro e segundo ano do ensino médio, por meio da matéria “Projeto de Vida”, obrigatória no currículo do novo ensino médio. Segundo presente no site KUAL<sup>3</sup>, “o objetivo é proporcionar autoconhecimento e orientação para que o estudante direcione seus estudos por áreas de conhecimento conforme o seu Projeto de Vida. Ou seja, apoiar a escolha dos itinerários formativos”. Porém, também pode ser trabalhada de forma quinzenal, através de ensino híbrido, mentoria ou oficinas e projetos, sendo esse último o escolhido por nós e denominado “projeto de leitura”. Longe de ser aplicado somente no sentido literal, o projeto de leitura busca trabalhar diversas linguagens para que os adolescentes se conectem mais com as aulas e as temáticas trabalhadas.

É importante, para melhor entendimento das propostas de ensino que buscamos desenvolver, ter o conhecimento a respeito do espaço que estamos inseridos e trabalhando o projeto. A escola onde atuamos é uma escola da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais que atende, em geral, estudantes do Ensino Médio. Localizada em Belo Horizonte, no Bairro Padre Eustáquio é conhecida na região pelo seu ensino de excelente qualidade, fator que favorece o sucesso dos alunos e ex-alunos em diversos concursos e vestibulares além dos bons índices no ENEM e outras avaliações.

Vale ressaltar que apesar dos bons índices, a escola lida com uma realidade dúbia, pois as maiores oportunidades de desenvolvimento se concentram nos turnos da manhã e da tarde, o turno da noite enfrenta uma realidade um tanto quanto distante, por se tratar de um horário onde as aulas são mais curtas e a realidade da grande maioria dos alunos já inseridos no mercado de trabalho e muitas vezes com jornadas longas, não podendo assim, dar prioridade unicamente ao seus estudos.

A História da escola que desenvolvemos as atividades ora apresentadas nesse texto, tem início no ano de 1932 quando o Sr. Leonardo Gouveia, então proprietário da Vila Celeste Império, loteou o seu terreno e doou um lote ao Governo do Estado para que nele fosse construída uma escola pública. Neste lote uma casa foi construída com apenas duas salas onde passaram a funcionar as Escolas Combinadas da Vila Celeste Império, contando naquela época (1934) com apenas duas professoras. Alguns anos mais tarde passaram a ser escolas reunidas, sendo designada para dirigi-la a professora Beatriz Oliveira Mendonça.

Nesta ocasião, um padre chamado Eustáquio, em uma de suas visitas à escola, designou-lhe sua bênção, afirmando que a luta da abnegada mestra não seria em vão, pois ainda que demorasse, a escola viria a ser o orgulho do bairro. No ano de 1945, especificamente em 11 de dezembro, transformou-se das Escolas Reunidas em Grupo Escolar “Professor Anísio Soares”, tendo como diretora até 1984 a Dona Beatriz. Posteriormente quem assume a direção da escola é a professora Maria Aparecida das Graças, que foi diretora até maio de 1990.

Neste ano, a professora Natália Carvalhais Câmara assumiu a direção, seu conhecimento, dinamismo e desprendimento foram essenciais para reformar toda a escola. Ampliou o prédio com mais seis salas, informatizou a secretaria da escola, trouxe a central de informática e introduziu o Ensino Médio. Hoje a escola é um núcleo de Ensino Médio. Dona Marocas se aposentou no dia 30 de Abril de 1998. Desde 2011 a escola é núcleo do Ensino Médio, com 39 turmas distribuídas nos três turnos (PAAA OFICIAL BLOG, s.d.).

---

<sup>3</sup> Empresa de tecnologia educacional que busca trabalhar o projeto de vida através das redes. Disponível em: <https://www.kuau.com.br/>



## 2 METODOLOGIA

Observando o perfil de aluno que a escola em questão atende, buscamos integrar ao projeto de leitura e desenvolver durante o segundo semestre de 2023, uma temática que vai de encontro com vivências que enxergamos a possibilidade de despertar o interesse e engajamento dos alunos, os movimentos sociais. A relação movimentos sociais e educação é antiga e está diretamente ligada à conquista de direitos e à constituição do caráter educacional de muitos cidadãos. A cidadania foi ponto referencial para trabalharmos esse tema, pois entendida sob o conceito de Carvalho (2001) ela abrange três dimensões, a civil, a política e a social, sendo esta última o do nosso maior interesse, se um cidadão não for titular desses três direitos seria um cidadão incompleto nas palavras de Carvalho. Os direitos civis são direitos que garantem a ordem na sociedade e o bem viver numa sociedade capitalista, direitos fundamentais à vida como o direito de ir e vir e de ter respeitada a inviolabilidade do seu lar, enquanto os direitos políticos de uma forma resumida é o direito ao voto e a participação do cidadão no governo da sociedade. Já os direitos sociais, que nos atende enquanto fonte para enxergar a dimensão e a importância dos movimentos sociais na sociedade,

garantem a participação na riqueza coletiva. Eles incluem o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, à aposentadoria. A garantia de sua vigência depende da existência de uma eficiente máquina administrativa do Poder Executivo. Em tese eles podem existir sem os direitos civis e certamente sem os direitos políticos. Podem mesmo ser usados em substituição aos direitos políticos. Mas, na ausência de direitos civis e políticos, seu conteúdo e alcance tendem a ser arbitrários. Os direitos sociais permitem às sociedades politicamente organizadas reduzir os excessos de desigualdade produzidos pelo capitalismo e garantir um mínimo de bem-estar para todos. A idéia central em que se baseiam é a da justiça social. (CARVALHO, 2001, p. 10)

Nota-se uma relevância indiscutível do conceito de cidadania para o desenvolvimento da temática dos movimentos sociais, principalmente no que tange os direitos sociais. Como dito anteriormente, a relação movimento social e educação é de longa data e foi construída a partir do surgimento de indivíduos que buscavam protagonizar suas narrativas,

“sujeitos de novas ações coletivas que extrapolavam o âmbito da fábrica ou os locais de trabalho, atuando como moradores das periferias da cidade, demandando ao poder público o atendimento de suas necessidades para sobreviver no mundo urbano. Os movimentos tiveram papel educativo para os sujeitos que o compunham”. (GOHN, 2011, p. 334 )

Vale ressaltar, que aqui entendemos o conceito de movimentos sociais segundo as ideias da mesma autora, como ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas.

Os movimentos sociais são parte importante na constituição dos ideais políticos das classes consideradas baixa renda, pois estas foram responsáveis por organizarem grande parte desses movimentos que auxiliaram e ainda auxiliam na conquista de direitos civis, sociais e políticos. Em conformidade ainda com Gohn (2011), entendemos que os movimentos sociais sempre existiram e provavelmente sempre existirão, afinal, são uma expressão da organização da sociedade, que para além de reunir pessoas em número, proporcionam a experimentação



social advindas das diversas atividades e produção de saberes que eles constroem. A História dos movimentos sociais já é antiga, sua atuação ganha destaque no cenário nacional, principalmente na década de 1980, quando a luta pela liberdade e pelo fim do governo ditatorial militar se intensificaram e se organizaram na busca pela “democracia direta”, “autonomia” e “independência”, tal como também os estudos sobre os movimentos começaram a ganhar espaço. Spósito (1993) apud Oliveira (2011) diz que ainda na década de 1980 a relação educação e movimentos sociais são intensificadas na tentativa de aproximar esses espaços e identificar suas lutas, para que haja uma preocupação com a escola, de preferência as que se encontram nas periferias. Entretanto existem dimensões diferentes quando o assunto é educar, pois o ambiente escolar, padronizado e sistêmico tende a optar pelo modelo mais universal da educação, enquanto os movimentos sociais e os espaços onde se desenvolvem, criam mecanismos próprios da educação e são responsáveis pelo letramento específico onde estão inseridos. Todavia,

Embora a escola e os movimentos sociais eduquem de forma específica, ambos têm em comum o sentido político da educação. Cabe, portanto, ressaltar o caráter educativo manifesto nestas experiências, assim como compreender os espaços das práticas sociais como lugares adequados ao desenvolvimento de uma educação crítica e emancipatória. Isto é, os movimentos sociais e/ou populares devem ser vistos como espaços de educação popular. (OLIVEIRA, 2011, p. 160)

Em seu artigo “Movimentos Sociais e Novas Abordagens da Educação Popular Urbana”, Elizabeth Serra Oliveira faz uma discussão acerca da relação educação e movimentos sociais do ponto de vista da ideia de classe e de povo, buscando fazer uma descrição da educação dita como popular dentro desses âmbitos. Ela destaca que a noção de povo no Brasil vai ganhando novos sentidos com o passar de seu processo histórico, e ao citar autores como Chauí (1983) e Doimo (1995), debate ideias em torno do “popular” e “povo”, percebe-se que o mesmo conceito ora aparece como termo designador de grupos de indivíduos dispersos, segregados, ora como noção de sujeito individual e coletivo organizado e em luta.

Os autores e conceitos supracitados foram fundamentais no planejamento e desenvolvimento das aulas, nesse sentido, esses vão ao encontro do desenvolvimento de ideias para trabalhar os movimentos sociais dentro da sala de aula, enxergar os alunos como agentes autônomos de suas histórias, capazes de desenvolverem um senso crítico e emancipador.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Uma característica perceptível no horário noturno em escolas de ensino regular, é a alta taxa de defasagem e evasão que ocorre em grande escala. Essa sempre foi uma questão que nos propomos a observar e tentar refletir para elaborar atividades para serem debatidas dentro da sala de aula, pois entendemos que a rotina e a realidade de muitos alunos os levavam a esse caminho. Concordamos com Pinto (2014) ao entendermos a escola enquanto uma instituição que além de pública, ou seja, todos têm o direito de ter acesso, detém a função primordial de oferecer um ambiente onde o jovem-adolescente se sinta feliz e encontre prazer nos estudos, pois só assim ele se conecta com sua realidade de mundo e o poder de assim, produzir o conhecimento desejado, que vise a emancipação e autonomia daquele aluno. Buscamos dessa forma, entender qual melhor forma de abordar temáticas que levassem os alunos a refletirem sobre o meio em que eles estão inseridos e qual o papel deles ali.

Na atualidade, os movimentos sociais se organizam e agem de forma muito particulares entre si, dentro de suas diversas vertentes e abordagens, tem-se fragmentado e unido de acordo

com suas demandas. Uma questão posta para começar a trabalhar os movimentos sociais, foi decidir por onde começar, tendo em vista que na contemporaneidade pode-se encontrar diversos movimentos com lutas ativas e demandas muito atuais. É indiscutível que mais do que nunca, os movimentos sociais devem se unir frente a um mundo cada vez mais globalizado e exigindo ações mais incisivas e conjuntas. Deste modo, decidimos abordar grande parte deles, principalmente os que têm relação direta com a história da conquista de direitos no Brasil. Partindo do pressuposto que deveríamos abordar qualquer tema que fosse de acordo com a nossa área de estudo, a História, decidimos começar e dar maior ênfase ao movimento que, historicamente, vem travando diversas lutas e cada dia mais ressignificando sua história e luta, o movimento negro. Também, acreditando numa maior identificação e curiosidade por parte dos alunos, considerando que a maior parte deles são negros e moradores de periferias.

A educação brasileira como a conhecemos hoje, que prioriza a aprendizagem da leitura e escrita, sempre foi um privilégio de poucos, já que dentro de uma sociedade com uma herança escravocrata, o acesso ao conhecimento sempre foi reservado para alguns poucos, esses eram brancos e ocupavam as elites da sociedade. Se uma breve comparação for feita com a preocupação dos revolucionários franceses já no século XVIII onde já faziam exigências por um ensino público e universal de qualidade, no Brasil, as elites da classe dominante até o século XX mantiveram controlando a educação a fim de assegurar a grande maioria da população alienada culturalmente, como forma de garantir seu afastamento das decisões políticas do país, o que somente após o processo de industrialização surgiram mudanças significativas nesse cenário (PINTO, 2014).

Porém, não podemos olhar de uma forma como se não existissem lutas e movimentações a fim de mudar o cenário de opressão vivido pelas classes menos favorecidas economicamente, um exemplo significativo é a organização de sujeitos escravizados desde a colonização do país. Nomes como Zumbi dos Palmares e Luiz Gama, esse último tendo a educação e o conhecimento como fonte primordial em sua história, a figuras da história recente como Abdias Nascimento e Mariele Franco, vemos indivíduos, principalmente do movimento negro em ação por seus direitos e construindo espaços de educação e emancipação desde os primórdios. Acreditamos que a discussão desses processos históricos e o engendramento das vivências concebida por tanto agentes históricos geram identificação e são capazes de abrir a mente de diversos jovens, afinal:

No contexto histórico e político brasileiro, as diferenças étnico-raciais foram naturalizadas, desnudadas da sua riqueza e transformadas em desigualdades. Dessa forma, quando a escola, a Universidade e a política educacional brasileira colocam em pauta a discussão, as práticas, os projetos e as políticas voltadas para a diversidade étnicoracial, tendo como foco o segmento negro da população, o contexto da desigualdade é colocado na ordem do dia e, em consequência disso, medidas de superação dessa precisam ser implementadas. (GOMES, 2011, p. 139)

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Grande parte dos alunos pertencentes às turmas do projeto que desenvolve-se não moram no bairro da escola, são de bairros periféricos vizinhos, e como já mencionado, trabalham em jornadas de até 8 horas e seguem para a escola. Muitos deles não conseguem nem mesmo chegar para assistir o primeiro horário, e quando vão às aulas tentam vencer o cansaço, para prender a atenção no que está sendo lecionado. Percebendo essas questões, optou-se por fazer uma espécie de triagem para entender quais demandas os alunos apresentavam. Inicialmente houve uma dificuldade de entrosamento, principalmente com relação aos alunos do 1º ano, eles eram mais agitados e não conseguiam focar a atenção, assim o tempo da aula

virava uma disputa para conseguir passar algum conteúdo. Já os alunos do 2º ano, percebemos uma recepção muito tranquila e sem esforços, conseguimos uma troca e respeito mútuo e o diálogo fluía com mais facilidade.

O período noturno conta com apenas uma sala de 1º ano regular, e todos os professores apresentaram dificuldades dentro de sala, toda semana eles estavam com pendências com a diretoria, mas percebemos que quando falávamos sobre algo que trazia identificação com a realidade deles, havia não só o retorno de atenção mas também muita contribuição durante as aulas, foi então que começamos a não só falar sobre os movimento sociais mas também mostrar o quanto estão presentes no dia a dia de cada um. Com o passar das semanas a turma passou a estar cada vez mais interessada e entrelaçada com o assunto, alguns deles começaram a se esforçar para chegar mais cedo e não perder a aula de projeto de vida, que ocorre durante os dois primeiros horários. Não havia mais disputa de fala dentro da sala, e sim uma construção conjunta através do diálogo e de relatos construtivos.

Uma característica importante que buscou-se dar às aulas ministradas no projeto de vida foi a interdisciplinaridade em sala. Pois, não ficaram contidas nas falas e contando somente com o diálogo, buscamos usar as mídias digitais, recomendando filmes e séries para que eles para além de ouvirem sobre as histórias e refletissem sobre os assuntos, vissem através da arte as representações. A música também foi um grande aliado, visto que os alunos se conectam fortemente com os sons produzidos nas periferias e dão muita credibilidade aos artistas que as produzem, então usamos as letras para fazê-los pensar sobre diversas nuances. O artista de rap Djonga foi bastante utilizado, uma música específica dele chamada “em quase tudo”<sup>4</sup>, foi trabalhada para debatermos as permanências e discursos racistas reproduzidos em nossa sociedade em uma aula voltada para discutirmos as artes e a luta do movimento negro. Outra música, “Ismália”<sup>5</sup> do cantor Emicida, foi utilizada na aula onde debatemos o movimento negro no Brasil desde a colonização até os dias atuais. Nessa música, Emicida faz um paralelo do mito de Icaro com a realidade racial de vários indivíduos negros na sociedade atual, relembrando o processo de diminuição racial na história de nosso país.

Além disso, foi percebido o quanto a escrita pode ser uma fonte de desabafo e diagnóstico do que está sendo absorvido pelos alunos, então foram passadas atividades que ajudam a expressarem seus sentimentos a respeito dos assuntos tratados, contando relatos pessoais do dia a dia comum. Havia uma resistência com atividades avaliativas pois eles se contentavam a alcançarem apenas a nota mínima para não reprovarem, percebendo a questão começamos a passar questões em formato de dinâmica com a recompensa de algum brinde simples, e então ocasionou um ótimo retorno, não só com as respostas mas manifestando o interesse em mais competições. Outra atividade muito bem recebida foi o debate, os alunos se empenharam em preparar suas argumentações para discussão em sala.

Com todas essas investidas, notamos uma melhora no comportamento dos alunos em sala, com os do 1º ano que eram muito agitados e facilmente perdiam a atenção para o celular ou conversas paralelas, agora, assim que a aula começa, os celulares são guardados sem precisar de um pedido, e as conversas são sobre o assunto que está sendo falado, os alunos queriam estar ali, participando, e muitos deles nos procuram no final das aulas com sugestões de temas ou de atividades que gostariam de realizar.

<sup>4</sup> A música é a quinta faixa do sexto álbum de estúdio do cantor Djonga, intitulado "O Dono do Lugar", lançado em 13 de Outubro de 2022 e disponível em todas as plataformas digitais de áudio.

<sup>5</sup> Oitava faixa do álbum "AmarElo" do cantor, Emicida. Tendo sido lançado em 30 de Outubro de 2019, o álbum se tornou um documentário produzido pela plataforma de streaming, Netflix, e se consagra como uma grande referência, a cerca da reflexão da vida do negro no Brasil, na contemporaneidade.

Os alunos que nos recebiam em sala às terças-feiras, no segundo dia de projeto, eram todos do 2º ano. No começo foi estranho para eles, pois não estavam habituados a terem alguns “estranhos” dentro de sala de aula, percebemos que eles já tinham conhecimento sobre o que se tratava a matéria “projeto de vida”, então só foi necessário introduzir o “projeto de leitura” e explicar a dinâmica para eles. De início não foi fácil trabalhar as propostas, mas a partir do momento que foi explicado sobre os movimentos sociais e questões com as quais eles se identificaram foram abordadas já foram logo se entusiasmando. As discussões direcionadas através das músicas que tocamos e as histórias de filmes e séries que contamos (não havia tempo hábil para expor em sala e os alunos geralmente não assistiam em casa), foi essencial para prender a atenção e chamar a atenção deles. Com isso, de aulas que no início eram mais expositivas, pois eles não correspondiam muito às indagações que colocamos para eles, surgiram aulas em que eles nos perguntavam e debatiam durante a explicação e sempre complementavam com casos de suas vidas e das relações deles com as redes sociais. No começo, a turma do primeiro horário era mais engajada do que a da segunda, mas com o tempo a segunda turma também começou a se esforçar para contribuir e prestar atenção.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de fato desafiador estar em sala de aula, desenvolver projetos, fazer com que os alunos, tão novos e cheios de responsabilidade deem credibilidade para jovens muitas das vezes um pouco mais velhos do que eles. Porém, é ao mesmo tempo gratificante quando percebemos que esses mesmos alunos aceitam o desafio e estão dispostos a aprenderem e também a ensinarem, afinal, o professor/estagiário também aprende muito nesse processo com os alunos, que foi o nosso caso. A importância de promover a relação do graduando com o ambiente escolar vai além da obrigatoriedade do estágio dos períodos finais dos cursos de licenciatura, é por isso que o Pibid existe e amplia essa relação podendo nos levar a ter experiências únicas e que podem impactar diversas vidas. O programa abre portas para um novo saber, que vê na sala de aula uma oportunidade para a transformação no melhor de seus sentidos, e ainda promover a dignidade humana. Foi pensando nisso que optamos por desenvolver um projeto que leve os alunos a pensarem sobre si, a questionar por contra própria, sobre suas trajetórias e sobre a realidade que os atravessa.

Os movimentos sociais se firmam em nossa visão, como certos para o conhecimento emancipador. Poder discuti-los e falar um pouco sobre sua história foi e continua sendo um objeto indispensável para a construção de uma educação mais democrática e libertadora, de forma a fazer com que alunos de todas as idades tenham consciência da busca pelos seus direitos e as lutas constantes a sua volta e que os atingem direta e indiretamente. A História como disciplina do tempo, não só do passado como também do agora, busca unir o passado de lutas com o presente repleto de demandas, principalmente no que diz respeito à educação, e os movimentos sociais vem ao encontro dessa lógica. Buscamos seguir refletindo sobre as demandas do ensino público, especialmente a educação no tempo noturno que apresenta especificidades a serem observadas e lembradas para uma melhor construção do saber e viver.

## 6 AGRADECIMENTOS

A Capes, que ao financiar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), proporciona experiências únicas e transformadoras através das ações na área da educação.

A professora Jacyra Antunes Parreira, co-autora e orientadora deste trabalho, que me deu a oportunidade de, mesmo como voluntário, fazer parte e contribuir amplamente para a vivência e experiências do PIBID, e além disso, contribuiu para que tivesse a oportunidade de escrever esse artigo.

A professora Juliana de Souza, ex aluna da PUC Minas e pesquisadora, que orientou a mim e a outros alunos participantes do PIBID PUC Minas do curso de História em nosso processo de escrita.

A minha amiga, Milena de Paula Reis, também graduanda do curso de História, que com suas dicas e conselhos foi essencial para a existência desse artigo.

E por fim, e não menos importante, a Deus, sem o qual eu não seria nada e não teria chegado até aqui.

## REFERÊNCIAS

A PROBLEMÁTICA DA EVASÃO ESCOLAR NA ESCOLA PÚBLICA: a quem compete? [manuscrito] : / Joaquim Lopes Pinto. - 2014. 44 p. **Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares)** - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Técnico, Médio e Educação a distância, 2014

BARROS, Ev'Ângela. PIBID PUC Minas: um programa, muitas realidades; um projeto, muitas realizações. **PIBID PUC Minas Experiências, saberes e fazeres da formação docente**, 1º ed. Belo Horizonte, PUC Minas, p. (11-18), 2019.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GOHN, Maria. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n.47, p. (333-361), maio-ago, 2011.

GOMES, Nilma. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, v. 10, n.18, p. (133-154), abril, 2011.

Histórico da E. E. Professor Moraes. PAAA E. E. Professor Moraes. Disponível em: <<http://eeprofessormorais.blogspot.com/p/historico-da-e-e-professor-morais.html>>. Acesso em: 22, Setembro de 2023.

OLIVEIRA, Elizabeth. Movimentos Sociais e Novas Abordagens da Educação Popular Urbana. **CONTEXTO & EDUCAÇÃO**, Editora Unijuí, Ano 26, n.85, p. (157-176), Jan./Jun. 2011.

Projeto de vida no Ensino Médio (2023) - GUIA PRÁTICO. KUAL, 2023. Disponível em: <<https://blog.kuau.com.br/projeto-de-vida/projeto-de-vida-ensino-medio>>. Acesso em: 22, Setembro de 2023.

ROSAR, Maria de Fatima. Educação e Movimentos Sociais: avanços e recuos entre o século XX e o século XXI. **Educação em Revista**, Marília, v.12, n.2, p. 145-162, Jul.-Dez., 2011

